

Redacção e administração
R. de S. Martinho

AVEIRO

POVO DE AVEIRO

SEMÁNARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 294

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

6.º Anno

A RAINHA DE INGLATERRA EM PORTUGAL

Chegou a Lisboa a mulher de Eduardo VII e este facto tem servido para mais uma vez se apregoar a alta distincção com que Portugal é tratado pela Inglaterra.

Mas tanta distincção é motivo para fazer reflectir os espiritos sisudos, ainda os menos dados a tenebrosas lucubrações de pessimismo. E' distincção de mais!

Nem se lhe póde, mesmo, dar já o nome de distincção. Namoro, é que é. E namoro apaixonado e descarado. Ora a Inglaterra a namorar Portugal aos olhos do mundo, com extremos de menina apaixonada, é algo escandaloso, deve-se dizer. E sob esse escandalo alguma coisa ha!

Aquillo que parece, aos olhos de muitos, prova de força e importancia, deve parecer, aos olhos d'alguns, prova de fraqueza ou inferioridade. Entre a Russia e a França, entre a Allemanha e a Austria, ou a Italia, nunca houve tantos extremos d'amor. E, todavia, são grandes nações. Porque os ha entre a Inglaterra, talvez a mais poderosa nação do mundo, e Portugal, incontestavelmente uma das mais fracas e talvez a mais abatida entre as nações civilisadas?

Será tudo muito sincero, mas é caso para fazer desconfiar.

A Inglaterra, mesmo sem intenções de usurpação, tem alta conveniencia na alliança com Portugal. Se Portugal fosse, pois, uma nação respeitavel, como a Suissa, entre outras, dando exemplos ao mundo de liberdade e de moralidade, ainda se comprehenderia que a Inglaterra, tambem nação de trabalho, de liberdade, de moralidade, desse á sua alliança provas de excepcional carinho. Mas todos nós sabemos que, infelizmente, Portugal não póde ser considerada uma nação respeitavel, e que, por isso mesmo, não póde ser amada e nem sequer respeitada. Vejamos as coisas com juizo.

A Inglaterra sabe muito bem o que se passa em Portugal. Admittamos que não tenha por nós — e é natural que o não tenha — rancoroso desprezo. Mas piedoso desprezo necessariamente o tem. Sim, isso necessariamente! Não sejamos tão vaidosos que cheguemos, na nossa vaidade, a esquecer os elementares principios e dictames da natureza humana. Ora se a Inglaterra forçosamente ha de ter por nós piedoso desprezo, pois que este sentimento não é de molde a despertar enthusiasmos ou a provocar correntes d'affectos e impetos de carinho forçosamente um motivo secreto

lhe inspira as ternuras que tão escandalosamente está ostentando connosco. E' natural. E' logico. Deve ser assim.

Motivo para descompormos a Inglaterra, como fazem varios patetas de certo jornalismo? Não. Tambem é logico que se alguem merece descompostura n'esse caso são os portuguezes, e só os portuguezes.

Todos os patetas teem a mania—sestro antigo—de attribuir aos outros a responsabilidade do que elles fazem. Atiça-se o odio contra a Inglaterra porque a Inglaterra tem levado a imbecillidade indigena, condecorada com o apparotoso titulo de diplomacia, a ceder-lhe varias colonias e a consentir em tudo o mais que ella tem querido fazer. Bravissima Inglaterra! Amanhã leva-nos Lourenço Marques? Admiravel Inglaterra! Anda a trabalhar para si, pelo seu thesouro colectivo, pela sua fortuna publica. Que teem os idiotas a dizer a isso? Admittamos as suas indignações quando a Inglaterra nos rouba á mão armada. Então, sim. Mas a maior parte das concessões tem-as a Inglaterra obtido por meio de negociações diplomaticas, sem esquadras e sem ultimatum á frente.

N'esses casos, os culpados foram os ascendentes dos patetas, e são os patetinhas actuaes persistindo em não ver a razão.

Portugal não póde dispensar uma alliança, porque não está nas condições da Suissa ou da Belgica. Está em condições muito differentes. Falta-lhe, acima de tudo, a auctoridade moral que tem a Suissa e que tem a propria Belgica. E mesmo com essa auctoridade a não poderia dispensar. Não basta auctoridade moral para tornar inatacavel um emporio ultramarino, como aquelle que possuímos ainda. Tivesse-o a Suissa e nós veriamos, mesmo com o admiravel espirito social que essa nação possui, se a vida lhe correria tão placida como lhe tem corrido. As nossas condições são mesmo muito differentes das condições da Hollanda, que tambem tem colonias. Não confundamos.

Precisando Portugal d'uma alliança, qual é a que mais lhe convém? Aquella á qual a nossa mais convenha tambem. João Fernandes e João Fagundes se discorrem assim, tão simplesmente, apenas guiados por um bocadinho de bom senso, chegam á verdade.

Mas não ha conveniencia possivel, diz-se, para uma nação grande na alliança com uma nação pequena. Conforme. Conforme fôr a nação grande e conforme fôr a nação pequena. Evidentemente é pouca a vantagem que a Inglaterra tirará d'uma alliança com a Suissa, não obstante

esta possuir um bello exercito. Pouca será a vantagem de Portugal n'uma alliança com a Austria, que é uma nação grande. Se Portugal se alliar á Russia ou á França, algumas vantagens poderá tirar, e algumas vantagens poderão resultar, tambem, para a Russia e para a França. Mas nunca tantas como nos poderão resultar da alliança com a Inglaterra, como esta de nenhuma outra nação pequena poderá tirar as vantagens que, licitamente, lhe resultarão da alliança portugueza.

Em resumo: a nenhuma nação convém tanto a nossa alliança como á Inglaterra. Por muitos motivos. Por isso mesmo, nenhuma alliança nos convém tanto como a alliança ingleza.

Não a sabemos aproveitar? Isso é outro caso. Mas o mal, o erro, é nosso, não é da Inglaterra. E' claro que a Inglaterra, se poder aproveitar muito do contracto, aproveita. E nós fariamos o mesmo. Se nós achassemos a Inglaterra disposta a deixar-nos entrar pelos seus thesouros, não havia a saber o que se não convertesse em salteador. Tudo ia á Inglaterra, de sacca ás costas, buscar libras.

Não ha duvida nenhuma que a Inglaterra anda a dourar a pilula e que nos vae ficar caro o namoro. Mas então?! Deitem abaixo o governo. Substituam o regimen. Abram os olhos.

Não querem? Então paguem caro a mancebia.

O que se está passando é uma burla. Mas quem é ahi o ingenio que admite que a monarchia não faz o jogo conscientemente? A monarchia quer apenas sustentar-se. Não pede outra coisa á Inglaterra. A Inglaterra cumpre o seu contracto, emquanto a nação sustentar a monarchia. Prove-se que a Inglaterra impõe a monarchia á força, e, então, sim, seremos nós os primeiros a gritar contra a Inglaterra.

Antes d'isso nós diremos simplesmente: Quem nos prejudica é a monarchia e quem tem a culpa d'esse prejuizo são os portuguezes.

O ESPIRITO DEMOCRATICO

De invadida, a França republicana tornou-se invasora. E deu a batalha de Jemappes, na Belgica, que foi uma das mais notaveis que ganhou o exercito revolucionario.

Ainda ahi os voluntarios se portaram brilhantemente. Ainda ahi a força capital do exercito revolucionario foi o enthusiasmo da idéa democratica. Faltava muita coisa a esse exercito. Mas não lhe faltava o zelo nem o enthusiasmo. Os soldados cantavam debaixo da chuva que cahia em torrentes. Cantando avançavam por terrenos inundados, cobertos de difficuldades de toda a ordem.

Chuquet escreve, no seu volume *Jemappes et la conquete de la Belgique*:

«Este exercito (o republicano) era bem digno da victoria. «Não houve um regimento, dizia Dumouriez, um esquadrão, um homem, que não atacasse o inimigo á arma branca.» As tropas de linha não desmentiram o seu passado glorioso e tiveram um bello quinhão de gloria. Os regimentos 19, 29, 54 e 71 de linha, inscreveram o nome de Jemappes nas suas bandeiras.

Os voluntarios de 1791 continuaram a sua reputação. Os tres batalhões de Paris, commandados por Balan, Malbrancq, e Leval, achavam-se na esquerda do regimento de Flandres e participaram, com elle, das honras da acção. O 1.º batalhão da Vendéa e o 1.º de Deux-Sèvres mostraram o sangue frio das velhas tropas aguerridas. Dampierre, admirando a coragem d'estes mancebos que ha dois mezes supportavam tantas fadigas e passavam as noites nos bivacs, soltava, no gosto do tempo, esta lyrica exclamação: «Mães republicanas, educae as vossas filhas para estes bravos guerreiros, correi a esperal-os quando elles regressarem, de m urta na mão; que a alegria do triumpho os console das fadigas da guerra e que a mais bella de vossas filhas seja destinada ao mais valente.»

Como em Champagne e como, mais tarde, em quasi todas as batalhas da Revolução, a artilheria bem mereceu da patria, prestando Dumouriez uma brilhante homenagem á sua habilidade. E' certo que ella dispunha de 100 canhões, e que os austriacos só cincoenta. Mas ella avançou até ao alcance das espingardas dos entrincheiramentos. Os imperiaes experimentaram em Jemappes a mesma surpresa que os prussianos experimentaram em Valmy.»

Chuquet discute em seguida o plano adoptado e executado pelo general em chefe (Dumouriez) e continua:

«Fosse como fosse, Dumouriez attingiu o seu fim. Queria alcançar uma d'aquellas batalhas retumbantes que ferem a imaginação, e por um golpe brilhante, attrahir as atenções da França, fortalecer a confiança que inspirava ao exercito, abrir a entrada dos Paizes Baixos e estimular as disposições favoraveis dos belgas. Comtanto que ficasse vencedor o numero dos mortos não o inquietava, e, como dizia Mercy, pouco lhe importava sacrificar dez mil homens para fazer ma-

tar mil inimigos. O successo justificou-o. Era preciso dar reputação ás tropas francezas; mostrar que a Revolução se sustentaria pela força das armas, ganhar batalhas, tomar a offensiva que convinha ao genio da nação e ao enthusiasmo da liberdade, vencer pela força a colligação que já tinha sido vencida pela habilidade. Valmy não era mais que um embate local. Jemappes foi um combate geral, a primeira batalha memoravel que a França dava depois de muitos annos, uma especie de Rocroi da Republica. A Europa exaltou o valor francez que Dumouriez, no seu relatorio, chamava *teimoso e sempre crescente*...

Em França Jemappes fez uma impressão profunda. Ninguém se lembrava d'uma batalha mais famosa, mais gloriosa para a nação. Era uma victoria unica, uma maravilha. Contava-se que o adversario estava postado em montanhas guarnecidas de mais de 40 reductos. Falava-se em ter sido escalado um triplice entrincheiramento defendido por cem bocas de fogo.

Celebrava-se com Lebrun-Pindare as tempestades de fogo de Jemappes:

En vain cent tonnerres croisés
Grondant sur ces monts embrasés
Opposent trois remparts de flammes.

Exaltavam-se os talentos do general victorioso, vendiam-se-lhe os retratos nas ruas de Paris, e o ministro dos negocios estrangeiros, Le Brun, dava a uma filha que lhe nascia os sobrenomes de Jemappes-Dumouriez. Todos os jornaes gabavam o heroismo dos soldados e particularmente do veterano Jolibois. Este Jolibois tinha sahido da fuga de seu filho, voluntario do 1.º batalhão de Paris. Chegou na manhã de 6 de novembro ao campo francez e occupou logo o logar do desertor. «O meu filho, exclamava elle durante a batalha, como tão bello dia ficou manchado com a lembrança da tua covardia.» No fim da batalha, os seus companheiros apresentaram-no a Dampierre. O general lançou-se nos braços de Jolibois chorando lagrimas de admiração e pediu para esse bravo veterano uma patente de official. Mas aos olhos do povo, os heroes do dia eram Baptiste Renard e Berteche, o novo *Dentatus*. Baptiste, o creado de Dumouriez, tinha reconstituído a brigada Dronet e não pedia outra recompensa senão a honra de vestir o uniforme nacional; a Convenção decretou que elle seria armado, montado e equipado á custa da nação e empregado como capitão no exercito de Dumouriez. Berteche tinha, dizia-se, morto sete dragões de Coburgo e salvo a vida a Beurnonville; mas no instante em que elle retirava a custo a espada que tinha enterrado até aos copos no corpo d'um dragão, recebeu, além de 41 golpes de sabre, um tiro que o feriu n'um braço e o deitou do cavallo abaixo. A 6 de março de 1793, Berteche apparecia perante a Convenção que lhe conferia uma coroa de cavallo e um sabre de honra.

A batalha de Jemappes ficou na memoria dos francezes com esse caracter epico e maravilhoso que lhe déram os contemporaneos. Inicia uma série de brilhantes triumphos. E não tem nada de valia, nem de classica. Ganha, por assim dizer, impetuosamente e com enthusiasmo, pelo numero, pelo arrojo d'um exercito ardente, é toda heroica e toda popular.»

José Maria Soares

medico e cirurgião pela Escola Medico-Cirurgica do Porto,

CLINICA GERAL

Consultas todos os dias das 10 h. em diante

Chamadas a qualquer hora

R. dos Mercadores — AVEIRO

O CONVENTO DAS CARMELITAS

Reaccionarios d'Aveiro

Alguem nos escreve a dizer-nos que demos no vinte com respeito ao viscondado das Carmelitas. Que não só por Carmelitas se parecer com Carmo, mas, ainda, por outros motivos muito attendiveis, Domingos deve querer constituir o seu solar no largo do Terreiro ou no convento das Carmelitas. Conservar o Terreiro, conservar o convento, é para elle uma questão magna. Portanto, para toda a hoste francacea.

Independente, accrescentam, das tendencias reaccionarias de toda a cambada. «Mas n'esse ponto, accrescentam ainda, esteja você também em guarda com os outros, com os progressistas, olhe que, quanto a transigir com os reaccionarios, não são menos capazes d'isso do que os francaceos. Diz-se por aqui abertamente que a obra vai ficar uma porcada, porque Gustavo e companhia estão dispostos a poupar o mais possivel o convento, e d'isso você verá que vai resultar uma grande borracheira. Não se faz obra perfeita e completa n'esta terra, como você disse. Não se tem feito, nem agora se fará.»

A este respeito já dissemos no numero passado o que tinhamos a dizer. Applaudimos, se fôr nosso dever applaudir. Reprovaremos, se fôr nosso dever reprovar. Sem a menor contemplação com ninguem. D'isso pôdem ficar certos.

Até agora, parece que só ha motivo para applaudir. Parece. Quem escreve estas linhas não conhece o plano elaborado pela direcção das obras publicas do districto, em harmonia com os desejos da camara, e que superiormente acaba de ser approvado. E' d'esse projecto que resulta a tal *borracheira* a que se referem? Foi já na elaboração d'esse projecto que se transigiu com a clericalha até esse ponto? Então não ha motivo para applaudir. Ha motivo para censurar desde já. O projecto está feito em termos, embora não seja radical? Da sua execução resulta, pelo menos á vista, obra acçada? N'esse caso, se os receios se limitam á hypothese do projecto poder ser alterado, esperemos, que é melhor. E falaremos.

Até este momento ha isto: o projecto foi approvado e vai ser, desde já, executado. Em parte, pelo menos, já a corja clerical, e a corja francacea, foi vencida. Já não é mau. A corja clerical representou e fez barulho contra o projecto. A corja francacea berrou contra elle, barafustou, foi a Lisboa o pequenino Domingos, o diabo a quatro. Nada conseguiu o pequenino Domingos, o patetoide. Nada conseguiu a corja clerical. Vamos lá, que já não é mau. Já não é mau!

O procedimento do sr. José Luciano é digno de louvor. Aveiro nunca tratou o chefe do partido progressista senão com a grosseria com que trata todos os homens de valor nascidos n'esta terra. Agora mesmo essa canalha repugnante, que diz constituir o grupo francaceo, o tem tratado infamemente. Por intermedio do sr. Mattoso, todos os dias os refinadissimos malandros tentam arrancar favores e concessões ao governo. Todos os dias! Sem o sr. Mattoso, que não faz outra coisa senão dar vida no concelho d'Aveiro aos francaceos, os refinadissimos malandros teriam desapparecido ha muito. E' o sr. Mattoso, á sombra da influencia de seu irmão, que os alimenta e sustenta com favores continuos. Pois os canalhas não hesitaram em empregar agora contra o sr. José Luciano todos os processos e vocabulario infame. Isto estando a comer da mão d'elle! Isto fingindo que defendem os interesses da terra! Isto no proprio instante em que o pequenino Domingos, o marechal de Liliput, ia a Lisboa, como outros da sua chafarica, pedir melhoramentos para Aveiro!

Só a pau!

Era natural que o sr. José Luciano não devendo a Aveiro senão pontapés, a esta terra, que, sendo a sua, sempre lhe preferiu todos os insignificantes e tratantes, ou os extranhos pelo menos, era natural, dizemos, que o sr. José Luciano, vendo a infamia com que, mais uma vez, era tratado na sua patria, não quizesse, ao despedir-se da vida, saber d'ella para nada, antes sentisse por ella um justificado azedume. Era natural. O sr. José Luciano, porém, só respondeu com favores e com provas de carinho.

Registamos esse acto de generosidade.

Somos patricio do sr. José Luciano, sem nunca nos termos abeirado de s. ex.^a, —com quem, sequer, nunca falámos na nossa vida,—para coisa alguma. Nunca o adulámos, nunca o lisongeámos. Nenhum interesse, porém, nos leva,—nem nenhum interesse, em caso algum, nos levaria a isso,—a jogar contra elle, no fim da sua vida, e sendo elle hoje o que sempre foi, navalha de ponta e mola. Por isso mesmo não hesitamos, antes cumprimos alegremente esse dever, em registar, n'esta questão local, e certos de que interpretamos o sentir de toda a gente honesta d'esta terra, que o sr. José Luciano está procedendo com verdadeira isenção servindo os interesses d'Aveiro, que nunca teve com elle justiça, quanto mais affectos ou carinhos.

E o dever de quantos amam esta terra seria proceder como nós estamos procedendo. Mas são demasiadamente infames, esses que se dizem francaceos, para poder amar alguma coisa.

Nunca a terra lhes importou para nada. Nunca o patriotismo, ou outro sentimento nobre, apontou na alma d'esses bandidos. Invejosos, rancorosos, traçozeiros, abjectos em tudo, tudo subordinaram e subordinam á vileza com que nasceram.

E ameaçam agora a monarchia, os salteadores, se a monarchia se não apressar a chamar ao poder o feroz auctor da lei de 13 de fevereiro.

A audacia d'estes canalhas ainda chega a fazer pasmar, no meio de tanta podridão.

FERIADOS

E' verdadeiramente revoltante o que se está passando a respeito de feriados. Vê-se perfeitamente que estamos no paiz da ignorancia, no paiz da selvageria. Duas semanas de feriados nas escolas publicas do reino a proposito de viagens reaes! Isto é uma verdadeira pouca vergonha, contra a qual protestariam paes de familia, professores, jornalistas, tudo, se n'este paiz houvesse senso e pudor!

Sim, se houvesse senso e pudor!

Além dos prejuizos que d'ahi resultam é um verdadeiro opprobrio.

E depois gritam contra a lei de instrução secundaria.

Que paiz! Que abjecto paiz!

Pedem-nos a publicação do que segue:

Permitta-me, sr. redactor, que venha nas columnas do seu jornal, protestar energeticamente contra o vergonhoso espectáculo que esta cidade, publicamente consentiu, por occasião da saída da procissão dos Passos, no penultimo domingo, permitindo-se que atraz do andor do Senhor dos Passos, em todo o percurso fosse um individuo qualquer de gatas, como promessa pelas melhoras d'um determinado doente, segundo corre, a quem esse individuo deve um relevantissimo serviço e que só o dispensaria quem possue eguaes sentimentos e caracter d'aquelle que o sollicitou!

A posição escolhida pelo famoso devoto, informam-nos, está em harmonia, com um certo habito que ha muito o referido individuo contrahiu e de que também é fervoroso apostolo!

A auctoridade, porém, devia impedir tão vergonhosa exhibição e correr a pontapés o imbecil que se apresentou para cumprir a farçada!

Não fui só eu, que contra esse facto me revolttei; muita gente ao deparar com tal vergonha teve palavras da mais acerba condemnação.

A auctoridade competia evitar tamanho escandalo, e rogamos ao sr. commissario de policia, que ordene aos seus subordinados, que em igualdade de circumstancias evitem vergonhas d'esta natureza.

Um aveirense.

Cartas d'Algures

24 DE MARÇO.

Ha dias o *Diario da Tarde* censura os jornaes republicanos, a proposito da prisão do sr. tenente Djalme, escrevendo que elles tinham a pretensão idiota, quanto ás pessoas que constituem o seu agrupamento, do monopolio da honradez. Comquanto o *Povo de Aveiro* seja um jornal independente, a nossa qualidade de republicano levamos a protestar.

Não possuímos, nós, tal pretensão, verdadeiramente imbecil, nem defendemos tal doutrina.

Evidentemente, ha maior somma de honestidade, pessoal e politica, dentro do partido republicano do que dentro dos partidos monarchicos. Basta o republicano, além d'estar excluido de todos os favores do poder, soffrer-lhe a má vontade, para não nos accusarem de exaggerados se dissermos perseguição. Mas isso não quer dizer que o simples facte d'um homem se declarar republicano seja motivo para lhe passarmos logo attestado de bom comportamento, ou para considerarmos impecavel.

Ha, mesmo, sempre houve, grandes especulações á sombra da etiqueta republicana. Ser republicano não é, em regra, não o pôde ser, modo de vida para ninguem. Mas tem-o sido para alguns!

A differença capital entre o partido republicano e os partidos monarchicos, em Portugal, não está nas pessoas, e nem mesmo nos processos. Está nos principios. Ha quem diga que a questão é de homens e não de principios. Mas isso di-lo um tolo. Não o pôde dizer o *Diario da Tarde*, que é redigido por escriptores intelligentes. Ou comçaria por ser incoherente consigo proprio. Então, sendo a questão de homens, conviria mais o absolutismo.

Poderia responder o *Diario da Tarde* que a monarchia constitucional, sendo um regimen de transição, é o mais compativel ainda com o nosso estado social. Talvez, se tivesse sido, e fôsse, applicado sinceramente. Mas não foi, nem é. Sejamos verdadeiros, que não se pôde admitir um publicista honrado sem que o anime o espirito de sinceridade e de verdade. Com verdade, ninguem pôde dizer que o systema representativo haja sido applicado dignamente entre nós.

Que, de resto, esse tem sido o destino de todas as monarchias catholicas. Só nas monarchias protestantes existiu, mais ou menos, a pureza do regimen representativo. Só essas teem desempenhado honestamente o papel evolutivo que as sociedades modernas reclamavam.

Mas admittamos a ultima hypothese. Supponhamos que a monarchia catholica era capaz de se harmonisar, entre nós, com o espirito liberal. O facto é que, fosse qual fosse o motivo, não se harmonisou. O facto é que cahiu em descredito. E quando as instituições chegam a esse ponto são como as casas commerciaes: mais vale quebrar que continuar.

O negociante recorre a todos os expedientes, quando se vê prestes a fallir. De homem honrado converte-se em pantomineiro. Ora ao politico monarchico succedeu, em Portugal, precisamente isso: fez-se um pantomineiro, embora no fundo seja um homem honrado. Ha de ser pantomineiro por força. Para voltar a ser homem honrado ha de declarar a fallencia. Só então é capaz d'outros expedientes, d'outra vida.

Eis a differença que ha entre a honestidade monarchica e a honestidade republicana em Portugal. A differença não está nos homens. A differença está nos principios.

Fôra d'isso, é tão absurdo sustentar que os monarchicos, indivi-

dualmente, são tratantes por serem monarchicos, como sustentar que os republicanos são honrados por serem republicanos.

O sr. Djalme está innocente? Está culpado? Nós não o sabemos. Mas sabemos que é asneira pretender que um homem ha de ser forçosamente honrado por se dizer republicano, e que o partido republicano ficará mal visto se se descobrir que um dos seus membros, seja qual fôr, é um tratante. Grossa asneira!

De resto, o partido republicano nunca teve essa pretensão. Muitas vezes defendeu calorosamente tratantes reconhecidos e provados. Muitas vezes foi elle o primeiro a infamar alguns dos seus homens de mais pureza moral e intellectual. Muitas vezes. Ainda hoje aquelles que elle mais odeia são os que teem demonstrado maior firmeza de convicções.

O *Diario da Tarde*, pois, está em erro.

E desculpe o collega o nosso atrevimento.

A. B.

EM LEGITIMA DEFEZA

Do sr. Manuel Dias recebemos a carta que em seguida se vai ler.

Completamente extranhos ás questões pessoas da localidade, ignoravamos que o sr. Manuel Dias fosse o individuo visado pelo sr. dr. Abilio Gonçalves Marques.

O sr. Manuel Dias merecemos sempre o melhor conceito. Temos, mesmo, provas eloquentes da grande lealdade do seu caracter e extremado cavalheirismo. Apraz-nos declara-lo.

Por outro lado, sem termos conhecimento directo e proprio do sr. dr. Abilio Gonçalves Marques, sempre ouvimos tecer os maiores louvores ao seu caracter e á sua intelligencia, e não ha duvida nenhuma que merece a reprobção de toda a gente, como um acto verdadeiramente indigno, o facto d'um mariola ir chamar um medico para um doente imaginario. Fosse em que circumstancias fosse, quanto mais nas graves circumstancias referidas pelo sr. Gonçalves Marques.

Contra uma mariolice de tal ordem, todo o correctivo é pouco.

Lamentamos estar de permeio entre duas pessoas de consideração, e uma d'ellas nosso velho e prezado amigo.

Segue a carta do sr. Manuel Dias:

SR. REDACTOR DO «POVO D'AVEIRO».—Acabo de ler no seu jornal as *Cartas abertas* do sr. Abilio Gonçalves Marques, em que se encontram varias referencias desagradaveis á minha humilde pessoa, falsas umas, e outras descabidas, a respeito d'um caso occorrido ha tempo n'esta localidade. Desaggravei-me já em parte do procedimento inqualificavel d'esse senhor, e brevemente conto acabar de liquidar as contas com elle. Eu podia n'este logar rebater todas as suas insinuações e calumnias, mas não lhe dou essa importancia.

Além d'isso as relações em que estou com pessoas de sua familia inibem-me de o fazer. E' possivel, porém, que mais tarde venha a publico contar varias façanhas d'esse illustre Cavalheiro. E mais nada por hoje.

Costa de Vallade, 20 de março de 1905.

Manuel Dias.

VENDE-SE um fogão

grande quasi novo, duas fornhalhas e duas estufas.

Para tratar padaria Ferreira, aos Arcos.

20 de março.—O *Journal Officiel de la Commune* publica o manifesto dos deputados de Paris, 1871.

A revolução tinha rebentado em 18 de março. No dia 19 sahiu o 1.º numero do *Journal Officiel* com documentos importantes e de grande interesse para a historia d'aquelle movimento. O comité central da guarda nacional escrevia, por exemplo:

«A guarda nacional não commetten excessos, nem represalias. Mostrou-se imponente e forte pela sabedoria e moderação da sua conducta. E, todavia, as provocações não faltaram. O governo não cessou, por meios vergonhosos, de provocar o mais espantoso de todos os crimes: a guerra civil...»

Como respondeu o comité central a essas provocações? Fundou a Federação; pregou a moderação, digamos a palavra propria: a generosidade; no momento em que o ataque armado começava, dizia a todos: «Nada de aggressões; não respondam senão em ultima extremidade.» Appellou para todas as intelligencias, para todas as capacidades; pediu o concurso do corpo de officiaes; abriu a porta a todos aquelles que a ella bateram em nome da Republica.

De que lado estavam, pois, o direito e a justiça? De que lado estava a má fé?

Um dos grandes motivos de colera contra nós é a obscuridade dos nossos nomes. Ah! Sabemos, tristemente, quanto nos custou a notoriedade de outros nomes!

Quereis conhecer um dos ultimos meios empregados contra nós? Recusam pão ás tropas que preferiram depôr as armas a fazer fogo sobre o povo. E chamam-nos assassinos, elles, que castigam com a fome aquelles que se negaram a assassinar.

Digamo-lo com indignação: a lama ensanguentada com que tentam manchar a nossa honra é uma ignobil infamia. Nunca assignámos uma ordem d'execução; nunca a guarda nacional tomou parte na execução d'um crime.»

Não ha duvida nenhuma que foram fartamente caluniados.

Os deputados de Paris, esses, declararam no seu manifesto que fizeram todos os esforços para defender a Republica e a França. O manifesto é assignado por Puyrat, Edmond Adan, Edgar Quinet, Schœlcher, Langlois, Henri Brisson, Greppo, Tolain, Gambon, Lockroy, Jean Brunet, Floquet, Tirard, Clémenceau, Martin Bernard, Farcy, Louis Blanc.

21 de março.—O comité da guarda nacional convida o povo de Paris a eleger o governo fixando as eleições para 26, 1871.

22 de março.—Morre Goethe, 1832.

João Wolfgang Goethe foi um dos maiores litteratos do mundo e o verdadeiro creador da moderna litteratura allemã. Além d'isso foi portador das mais largas e generosas ideias humanitarias.

Entre muitos livros immortaes, escreveu o *Fausto* que lhe deu extraordinario renome.

23 de março.—Suspendem-se as admissões de noviços nos conventos de frades em Portugal, 1821.

24 de março.—Hebert e os seus partidarios, bem como Anarcharis Cloots, são condemnados á morte e guillotizados, 1794.

A morte d'estes homens, devida sobretudo ás suas opiniões anti-religiosas, constitue um dos maiores crimes de Robespierre. O proprio Hamel, que é um fervoroso admirador de Robespierre, escreve na sua *Historia da Revolução Franceza*:

«Por funesta que a facção dos hebertistas se tornasse á revolução, a sua morte nem por isso deixou de ser uma falta enorme. Ao ver a alegria indecente que os realistas manifestaram com isso, tornou-se facil advinhar quão consideravel era a força

que o elemento revolucionario acabara de perder.

Robespierre começou por investir com os livres pensadores, que eram um embaraço ao seu projecto do culto do ser supremo, no club dos jacobinos.

Em sessão de 21 de novembro de 1793 Rentabole atacou vivamente Hebert, accusando-o de atheismo. Hebert, já com receio de perder a cabeça, negou que fosse ateu.

Em sessão de 22, Anarcharis Cloots, interrogado sobre a sua nacionalidade, respondeu: «Eu sou da Prussia, departamento futuro da Republica franceza.» Perguntado se não tinha relações com os Vandenyner, banqueiros holandezes estabelecidos em Paris e presos como cumplices da Dubarry, respondeu que eram, realmente, os seus banqueiros. Devemos notar que Cloots era muito rico. Então Robespierre, erguendo-se, formulou contra elle um libello terrivel. Que era um barão allemão de cem mil libras de renda, um agente do estrangeiro, um traidor, um propagandista da Republica universal. (E' verdadeiramente espantoso que se fizesse um crime das aspirações de Cloots á paz e á republica universal! Será, entre outras, a eterna mancha do nome de Robespierre.) «Desdenhando o titulo de cidadão francez, continuava dizendo Robespierre, só se satisfaz com o de cidadão do mundo. Ah! queria elle, se fosse um bom francez, que nós tentassemos a conquista do universo? Queria elle que nós fizessemos de Monomotapa um departamento francez?»

Mas, como Aulard observa muito bem no seu bello livro Le Culte de la Raison et le Culte de l'Étre Suprême, o grande crime de Cloots aos olhos do Robespierre, e a razão do grande odio que este lhe votava, vinha das opiniões livres que o prussiano defendia em materia religiosa. Era isto o que Robespierre lhe não perdoava.

«Há um outro facto grave, de que Cloots se poderá gabar, mas só deante de imbecis ou de tralantes. Quero-me referir á sua propaganda anti-religiosa, que, amadurecida pelo tempo e pela razão, poderia ser excellente, mas cuja violencia poderia produzir as maiores desgraças e que se não deve attribuir senão a manejos criminosos da aristocracia.» Robespierre alonga-se neste ponto, atinando a Cloots muitos actos antipatrioticos, e termina exclamando: «Paris forniga de intrigantes, inglezes e austriacos. Assentem-se aqui, entre vós, com os agentes de Frederico... Cloots é um prussiano... Tracei-vos a historia da sua vida politica... Agora pronunciai-vos.»

O club votou em seguida a expulsão de todos os nobres, padres, banqueiros e estrangeiros, nomeadamente a de Cloots. O desgraçado estava perdido desde esse dia.

Contudo, era um republicano e um livre pensador sincerissimo. Era elle, que Robespierre accusava de espião e agente do estrangeiro, quem fundava, com Saiffert, essa admiravel Legião Germanica que tão denodadamente se batia pela Republica no campo da batalha. Era elle quem, a 19 de junho de 1790, apresentava á Constituinte a embaixada mais santa que se viu até então, de homens de todos os paizes, revestidos dos seus trajes nacionaes, exclamando que a trombeta que annunciava a resurreição d'um grande povo tinha retumbado nos quatro cantos do universo; que a festa da Federação seria a festa do genero humano, como se todos fossem filhos da França; que estrangeiros, de todas as regiões da terra, tomariam parte n'essa solemnidade, e que se as suas patrias estavam ainda em ferros um dia seriam livres sob a influencia da inabalavel coragem e das leis philosophicas dos francezes.

Era elle quem creava o canto da guerra dos germanicos, escripto por Saiffert, chamando os seus irmãos aos principios de igualdade; exhortando-os a não aceitarem a vontade dos despotas e a doutrina dos padres como leis; dizendo-lhes que era um crime lesar os direitos eternos do homem; pedindo-lhes que não atacassem mais as mentiras e as convenções falsas que lhes ensinavam; terminando por lhes aconselhar que renunciassem á defesa desvairada do despotismo, indo-se bater pelos principios que os francezes proclamavam, a fim de viverem, ou morrerem, livres e eguaes:

Obrüder, teutesches bhot, ihr noch bethoerten kriegert, Sagt eurer knechtschaft ab, seid ferner freihheitssigner; Erkaempft euch dieses recht, das man in Frankreich lehrt; Sterbt frey, lehrt, sucht und macht dass euch die nachwelt ehrt.

Segundo elle, não haveria em breve senão uma nação unica, ou, por outra, a França seria uma Philadelphía abraçada de toda a raça humana; Paris tornaria o templo da patria universal, e da nova constituição, a constituição dos dois hemispherios; o mundo, reunido

n'uma paz perpetua, só teria um parlamento, onde tomassem assento 10.000 deputados.

Generoso sonhador! Para chegar a essa paz perpetua seria precisa a ultima guerra, a guerra aos tyrannos. Essa pregava-a Cloots encarnadamente. A 21 de abril de 1792 ia á barra da Assembléa Legislativa oferecer á nação 12.000 libras para ajuda da guerra sagrada dos homens contra os thronos. Estava, dizia elle, certo do triumpho. Os francezes, escudados com a sua Constituição, seriam invenciveis. Levantariam por toda a parte a jacquerie dos campos. Teriam por elles todos os camponezes.

E a verdade é que assim foi! Ah! Como os destinos da Republica seriam outros sem essa grande lucta das permanentes execuções na guilhotina, dos mais licidos e rectos espiritos! Que loucura! Que grande loucura!

N'esse dia fatal de 24 de março foram condemnados e executados Hébert, Rousin, Momoro, Vincent, Cloots, o general Laumir, Ducroquet, Mazuel, Ancar, Leclere, Descombe, o banqueiro Kock, Bourgeois, Pereyra, Desfleux, Proly, Dubuisson e Armand. Também foi condemnada á morte a senhora Quéti-neaux, cujo marido havia sido executado dias antes. Mas tendo declarado que estava grávida, adiaram a execução e a isso deveu a vida.

Uma nota curiosa: Cloots tinha parentes em Portugal e havia vivido em Lisboa por algum tempo. Outro dos condemnados e executados n'esse dia, Pereyra, era oriundo de judeus portuguezes.

25 de março.—Os diferentes grupos republicanos de Lisboa celebraram, 1875, as victorias eleitoraes alcançadas pelos republicanos francezes, quando Mac-Mahon pretendendo dar o golpe d'estado, por meio d'um banquete de 150 talheres, no palacio do conde de Faro, na rua do Alacrim, defronte do largo do Quintella. Quem escreveu estas linhas conserva um dos cartões do menu, distribuidos aos convidados.

Ei-lo, a titulo de curiosidade historica:

Lisbonne, le 25 Mars 1876.

Menu du Diner à l'honneur De la République Française

Consommée à la Démocratie Petits patés à la République Poisson au purée de pommes de terre sauce populaire Filet de boeuf piqué à Gambetta Grand pôte de langue à Victor Hugo Mayonnaise

Roti

Dinde truffée

SALADE

Entremets

Puddings au peuple

Blanc manger

Crème à la vanille

DESSERT

Vins

Rio Dão—Champagne—Porto

Por baixo estava escripto:

Segunda-feira 27, ás 8 horas da noite, ha reunião do partido democratico na rua da Rosa, 105. Roga-se o seu comparecimento.

D'esse jantar data a verdadeira constituição do actual partido republicano portuguez.

26 de março.—Movimento republicano em Madrid, 1848.

INFORMAÇÕES LOCAES

«POVO DE AVEIRO».—Em Lisboa, vende-se na tabacaria Monacc.

Feira da madeira.—Realison-se do domingo passado esta feira, sendo poucos os expositores, havendo por isso poucas transacções.

Recreio Artístico.—Para commemorar o seu 9.º anniversario realison esta sympathica aggremação, no domingo passado, no Theatro Aveirense, um «sarau» que esteve muito animado, prolongando-se até de madrugada, reinando sempre a melhor ordem e decencia pelo que é digna de elogio a actual direcção d'aquella casa de recreio.

As pessoas que a elle assistiram trouxeram de lá as melhores impressões pelo genero de divertimentos que proporcionaram aos associados.

Foi distribuida uma linda poesia feita pelo sr. J. P. Ferreira Junior, intitulada—O Trabalho. Era nosso desejo publica-la aqui, mas a falta de espaço com que sempre luctamos impede-nos de o fazer.

Pela nossa parte agradecemos o convite que nos foi dirigido.

A nova Avenida do Terreiro.—Vae finalmente converter-se em facto a nova Avenida do Terreiro. Já está verba orçada e approvada para os seus trabalhos e consta-nos que estes vão começar em breve.

E' um melhoramento importante para a cidade e especialmente para a freguezia da Gloria que actualmente não possui uma rua em termos.

Cabe por isso os loavores do publico aos seus iniciadores.

Fallecimento.—Victimado por uma congestão cerebral, falleceu na quarta-feira na Gafanha, no sitio da Cal da villa, o sr. Mannel Ferreira Sardo, lavrador, dos mais civilizados do logar.

Segundo nos diz o nosso correspondente da Gafanha, o fallecido possuia bellas qualidades de character, que o tornavam bemquisto, principalmente entre os seus conterraneos.

Agora falla o nosso correspondente:

«Creio que Manuel Sardo desceu á valla do cemiterio, sem ter um inimigo. Conheci bem de perto o desditoso Sardo, e algumas vezes lhe notei rasgos de altruismo sem alarde, o que era afinal um dos caracteristicos do seu temperamento. Eu sou avesso á lisonja, mas nas breves referencias, que deixo ali escriptas fica assignada a minha homenagem á memoria do cidadão, que da sua mediocridade social alguma coisa fez envergir de bom, que ha-de recordal-o saudosamente por esse tempo além.»

O hiate «Silva Guerra».—Arribou finalmente a Leixões, esta semana, o hiate «Silva Guerra», de pois de uma viagem tormentosa de cerca de tres semanas, desde Lisboa, com destino ao porto de Aveiro, onde o mau tempo não o deixou entrar.

O «Silva Guerra» é propriedade dos srs. Nais e Silva, d'esta cidade, e do sr. Guerra, d'Ihavo, e navegava ha um anno fóra da costa de Portugal. Entrando em Lisboa, carregou milho para Aveiro, onde é ainda esperado. Feita a descarga, o hiate vae receber importantes reparações.

Depois de escriptas as linhas precedentes, chega-nos a noticia de haver entrado já o «Silva Guerra» a nossa barra, achando-se ancorado ás Duas Aguas.

A pesca do bacalhau.—Não volta mais a secar aqui o bacalhau, o pallabote «Nautico», matriculado na praça de Aveiro, e se empregava na pesca do bacalhau.

Com o fallecimento do capitalista João Pedro Soares, um dos proprietarios do «Nautico», lá desapareceu mais um incentivo que ia despertando estímulos nos capitães da cidade. E' pena.

Feira de março.—Teve hontem logar o primeiro dia de feira do importante mercado que se denomina de 25 de março.

Foi muito concorrido fazendo-se bastantes transacções.

Os divertimentos tambem funcionaram e tiveram seus resultados.

O barracão do animatographo tambem foi muito visitado, porque os trabalhos alli feitos se tornam recomendaveis. E, finalmente, o telescopio do Onofre, (que deu agora n'aquillo), tambem teve muita concorrência, porque, na verdade, tudo o que apresenta é digno de attenção pela nitidez que se nota em tudo que apresenta ao publico.

Não ha duvida que este anno ha por onde se distribuam os magros cobres que nos restam das decimas.

A' hora do nosso jornal entrar na machina informam-nos que anda uma comissão de individuos, de porta em porta, colhendo assignaturas para uma representação a favor da conservação do côro das Carmelitas.

Para alcançar o reino do ceu, achamos justo que todos os patriotas assignem.

Bem pôde o lombra apegar-se com Santa Rosa para lhe fazer o miagre...

Quereis subir todas as rampas sem vos fatigardes? Compra a bicyclete

A «OSMOND»

CONGRESSO

DE

LEITARIA, OLIVICULTURA E INDUSTRIA DO AZEITE

Programma

Artigo 1.º No intuito de estudar e discutir os assumptos que directamente interessam as industrias de leitaria e fabrico do azeite em Portugal e contribuir quanto possivel para o seu melhoramento, promove a Real Associação Central da Agricultura Portugueza com o valioso auxilio do Governo e com a obsequiosa cooperação da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal e da Sociedade de Medicina Veterinaria a realização de um Congresso de leitaria, olivicultura e industria do azeite, o qual se effectuará em Lisboa no mez de abril de 1905.

Art. 2.º O Congresso dividir-se-ha em duas partes, a saber:

1.ª Criação e exploração do gado leiteiro. Material e processos de leitaria.

2.ª Cultura da oliveira. Material e processos do fabrico do azeite.

§ 1.º A primeira parte comprehenderá a discussão das seguintes theses:

1.ª Vacas leiteiras; estudo das diferentes raças existentes no paiz e das que n'elle poderão ser introduzidas com o fim da exploração leiteira.

Relator o ex.º sr. Antonio Roque da Silveira, medico veterinario de 1.ª classe, chefe da repartição dos serviços pecuarios.

2.ª Gado ovelhum e caprino; estudo das diferentes raças existentes no paiz e das que n'elle poderão ser introduzidas com o fim da exploração leiteira.

Relator o ex.º sr. José Miranda do Valle, chefe de serviço no Instituto de Agronomia e Veterinaria, socio da Sociedade de Medicina Veterinaria.

3.ª Plantas forraginosas e praticultura.

Relator o ex.º sr. Manuel do Carmo Rodrigues de Moraes, inspector da agricultura da região agronomica do norte, socio da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal.

4.ª Melhoramentos das pastagens naturais e seu desenvolvimento sob o ponto de vista da produção lactigena.

Relator o ex.º sr. Antonio Mendes d'Almeida, silvicultor, director da Sociedade das Sciencias Agronomicas de Portugal, socio da Real Associação Central da Agricultura Portugueza.

5.ª Industria da venda de leite em natureza; material e processos de conservação do leite.

Relator o ex.º sr. dr. Hugo Mastbaum, director do Laboratorio Chimico-Agricola de Evora e membro da comissão tecnica dos methodos chimicos-analyticos, etc.

6.ª Fabrico e commercio da manteiga em Portugal.

Relator o ex.º sr. Adolpho Augusto Baptista Ramires, agronomo, chefe de serviço na Escola Nacional de Agricultura, socio da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal.

7.ª Fabrico e commercio do queijo em Portugal.

Relator o ex.º sr. Joaquim Pedro d'Assumpção Rasteiro, agronomo e agricultor, socio da Real Associação Central da Agricultura Portugueza e da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal.

8.ª Leite condensado e leite esterilizado. Aproveitamento dos productos secundarios da leitaria.

Relator o ex.º sr. dr. Antonio Francisco de Azevedo, director do Lactario de Lisboa.

9.ª Planos e modelos de exploração leiteira.

Relator o ex.º sr. Alberto Correia Pinto de Almeida, agronomo, chefe de serviço na Escola Nacional de Agricultura.

10.ª Frutuarias ou associações leiteiras em Portugal.

Relator o ex.º sr. José Victorino Gonçalves de Souza, chefe de serviço, interino, no Instituto de Agronomia e Veterinaria, socio da Real Associação Central da Agricultura Portugueza e da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal.

11.ª Credito agricola applicado á exploração leiteira.

ESPECTACULOS

No Campo do Roclo

THEATRO PAIRET.—Durante a feira ha todos os dias e á noite espectaculos variados pelo Animatographo, que tem feito o assombrado do mundo, e que ultimamente trabalhou no theatro Aveirense, pelo anniversario da Sociedade Recreio Artístico, sendo muito applandido. Vale a pena visitar este barracão.

SALÃO ARABE AUTHOMATICO.

—Esteroscopia Universal.—E' uma verdadeira maravilha do seculo esta nova descoberta, pois vê-se alli as principaes cidades e monumentos do mundo, sem que o espectador se mexa do sitio onde se sentou, tendo todas as commodidades possiveis para desfructar, pelo meio da lente, a realidade que nos apresenta o Esteroscopia Universal Onofre.

Todas as noites ha vistas variadas. Não deixem de ir admirar a ultima descoberta.

O HOMEM GORDO.

—Com os seus 232 kilos, tambem tem sido muito visitado, pois são realmente phenomenaes as condições organicas d'este homem.

Jornal de Bordados

Recebemos o n.º 13 d'este periodico artistico consagrado ao desenho de riscos, lettras ornamentadas, monogrammas e outros labores de senhoras.

O preço do Jornal de Bordados é apenas de 60 réis, e 12 numeros 700 réis.

Assigna-se e vende-se na livraria editora de Souza Brito & C.ª, travessa de D. Pedro, esquina da rua do Almada, Porto.

A cura do cancro

Rebentou um conflicto entre a Academia de Medicina de Paris e o dr. Doyen, por motivo da importante questão da cura do cancro.

Obtivera o dr. Doyen a nomeação pela Sociedade de Cirurgia, de uma comissão de cirurgiões, que segue, na sua clinica, os resultados obtidos em commun com a sua medicação.

Esta comissão não se occupa, naturalmente, senão do lado clinico da questão; tem já verificado algumas melhoras notaveis em varios doentes. Por outro lado, o dr. Metchnikoff occupou-se da parte bacteriologica; e o illustre sabio reconhece a existencia do micrococcus neoformans, descoberto pelo dr. Doyen.

Provados estes dois pontos, restava elucidar um terceiro: se o microbio do cancro, inoculado em animaes, produziria n'estes lesões cancerosas. Até agora isso parecia impossivel.

No Instituto Pasteur, em muitas tentativas, nunca se transmitira o cancro aos animaes.

Ora o dr. Doyen, tendo inoculado o micrococcus neoformans a ratos e morganhos brancos, verificou que seis d'elles apresentavam lesões cancerosas caracteristicas.

Foi um grande acontecimento; o dr. Doyen participou-o á Academia de Medicina, enviando algumas photographias das lesões observadas e pedindo para ser inscripto em uma das sessões para leitura dos seus trabalhos.

Alem d'isso, pedia tambem a nomeação d'uma comissão para estudo dos resultados adquiridos.

A estes varios pedidos respondeu a Academia, dizendo que nada tinha que vêr e ouvir, enviando ao mesmo tempo as photographias envolvidas e lacradas como haviam sido expedidas.

Em vista d'este caso, sem precedentes, o sr. Doyen vae fazer em uma outra sociedade scientifica a conferencia que pretendia realisar na Academia de Medicina.

Quereis fazer uma longa viagem sem vos fatigardes? Compra a bicyclete—«A OSMOND»

(Continúa.)

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

Primeira parte—**Cartilha Maternal** ou **Arte de Leitura**—16.^a ed., cart. 300 réis, broch. 200
Album, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 5\$000
Quadros Parietaes, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 6\$000
Segunda parte—**Os Deveres dos Filhos**—16.^a ed., cart., 300 réis, broch. 200
Gua prático e teórico da Cartilha Maternal—1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos. 160

ESCRIPTA

Arte de Escripção—(2.^a ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações práticas, cada. 30

Livros de polémica sobre o Methodo

A Cartilha Maternal e o Apostolado..... 500
A Cartilha Maternal e a Crítica..... 500

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

Campo de Flôres—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.^a ed. 700
Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requisitarem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções designaes d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 colleções de Quadros Parietaes, ou de Albums, 20 por cento; 10 colleções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

— DE —

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

A VEIRO

RU DE JOSÉ ESTEVÃO—79

EM TODA A PARTE OS Armazens Grandella

o mesmo do que

Uma succursal em cada terra da provincia!

Não precisa mandar dinheiro adiantado

Requisitar apenas catalogos ou amostras aos nossos armazens.

Fazer a escolha e pedido e pagar no correio á recepção da encomenda.

Faça-se um pedido a titulo d'experiencia

Grandella & C.^a
LISBOA

PDARI FERREIR & MACEDO AOS ARCOS A VEIRO

N'ESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.^a qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.^a, a 480; chá, desde 13600 a 33600 o kilo; massas alimenticias de 1.^a qualidade, a 140 o kilo; ditos de 2.^a, a 120; velas marca *Sol*, cada pacote, a 180; ditos marca *Nuvem*, a 140; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

José Monteiro Telles
dos Santos J.^o



DENTISTA MECANICO

Coloca dentes e dentaduras artificiaes. Corta qualquer dentadura partida, ou a que falte qualquer dente; obra a ouro, prata, platina, e a cemento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito.
RUA DA COSTEIRA
(Em frente da Esttua de JOSÉ ESTEVAM)

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverizado para adubos (o mais rico em azote,) couros, sebo, e tripa a 200 réis o massô.

R. da Boa Vista, 3 — Lisboa

EMPRESA CERAMICA

DA

FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos

AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marseilha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de sala. Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA — SANGALHOS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS

— DE —

ANTONIO FERREIRA FELIX,
Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45 — AVEIRO